

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

23 de Outubro à 5 de Novembro de 2018 | Nº 172 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

..... Kz 50,00

ECO DE ANGOLA

Pág.
3



Acordo Ortográfico

Academia Angolana
de Letras preconiza necessidade
de “rectificar para ratificar”

HISTÓRIA

Pág.
10

Brazzaville quer
"Grande Museu
do Reino
do Kongo"

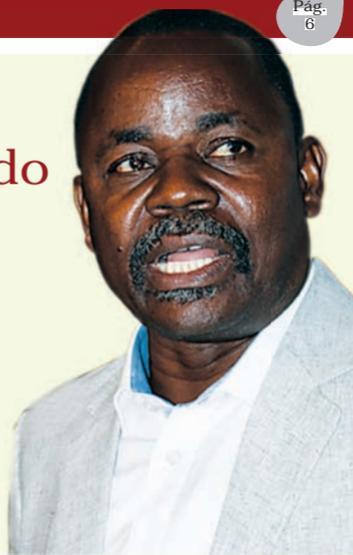


ARTES

Pág.
6

Um pintor
experimentado

Van,
depois
dos 40

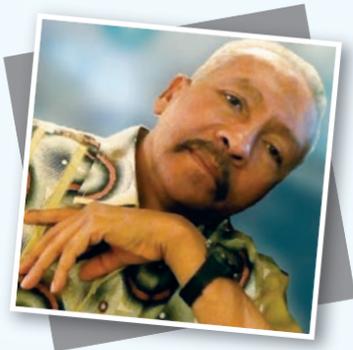


DIÁLOGO INTERCULTURAL

Pág.
12

Cientistas alertam:
2030 é o ano
limite para salvar
a Terra





JOSÉ LUÍS MENDONÇA

O sexo (oral) dos anjos

Há uma profunda transformação da Língua Portuguesa (LP) falada e escrita em Angola, pois que as línguas são corpos vivos que influenciam e recebem contributos, alimentam-se de outras línguas e falares. Há uma interpenetração com as línguas africanas e línguas estrangeiras, daí os estrangeirismos, galicismos, anglicanismos e, no nosso caso, excesso de brasileirismos.

O português falado e escrito em Angola acumulou quase três décadas de omissão pedagógica no ensino da língua veicular (e por arrasto, das línguas bantu), a começar pelo nível básico.

Os modos da fala e da escrita do Brasil penetraram desde o início da transmissão das novelas como O Bem Amado e Gabriela Cravo e Canela, nos anos 80 do século XX até à data e exercem uma tremenda influência nos modos de escrever e conversar do nosso povo. Centenas de estudantes beneficiam de bolsas e outras oportunidades de formação superior e pós-graduação no Brasil e nas universidades portuguesas. Estes cidadãos angolanos regressam a Angola, não só com as suas teses, mas também com uma nova forma de escrever, segundo o Acordo Ortográfico (AO).

A Internet abunda de estudos académicos sobre os mais diferentes temas e assuntos científicos, de modo que os nossos estudantes, num clic, chegam a essas fontes. E essas fontes estão escritas no português do Brasil e de Portugal. E é essa forma de redacção da LP que os nossos jovens estudantes reproduzem fielmente na Universidade. A essa forma de reescrever o português junta-se-lhe outro aspecto mais importante que é o facto de haver tantos modos de escrever (não de falar) a língua veicular, quantos os níveis de aquisição de competência linguísticas pelos utentes.

Se o Ensino em Angola, devido ao acumular de deficiências estruturais, não demonstra capacidade para ensinar massivamente a gramática da LP (mesmo a nossa LP angolana), como é que terá capacidade para ensinar (em paralelo) as línguas africanas?

Mais importante e imperioso do que a polémica em torno do acordo, é refundar o ensino da LP de maneira a produzir uma competência linguística a vários níveis, principalmente na Administração Pública, e esta tarefa nacional dispensa o conservadorismo do modelo linguístico do português que ainda nos dá que falar, pela sua colagem ao AO90.

Angola não pode ser o país mais lusófono da Lusofonia. O PCA da Academia Angolana de Letras, Boaventura Cardoso, disse, e bem, no seu discurso de apresentação da declaração sobre a rectificação das bases do Acordo Ortográfico, que a Língua Portuguesa também é nossa.

Sendo nossa de verdade, temos de fazer um trabalho de casa que não compete nem à CPLP, nem a Portugal ou ao Brasil, e que não tem nada a ver com o AO90.

Temos de produzir, nós mesmos, a nova gramática do português angolano e, também o nosso dicionário e, a partir dessas ferramentas do ensino correcto de qualquer língua, mostrar ao Mundo que nós temos uma identidade bantulusófona.

O actual estágio de conservação da polémica em torno do AO de 1990 (que já leva 28 anos de impasse), prova que, discutir a universalidade e validade do AO para o nosso país, é discutir o sexo (oral) dos anjos.



Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior
José Alberto Domingos
Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva
Catarina Vieira Dias da Cunha

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 172/Ano VII/ 23 de Outubro a 5 de Novembro de 2018
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

Secretária:

Ilda Rosa

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: António Gonçalves, Gabriel Baguet Jr., Lito Silva, Vítor Burity da Silva

Cabo Verde: Domingos Landim de Barros

Brasil: Any Karolyne Galdino e José Renato Nalin

Cuba Laura Maria Piedra

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha Correo da Unesco, Modo de USAR & CO, Obvious Magazine e Engenharia é.



Acordo Ortográfico Academia Angolana de Letras preconiza necessidade de "rectificar para ratificar"

Boaventura Cardoso, PCA da AAL, ao centro. Iadeado de Paulo de Carvalho, presidente da Comissão Científica, e Filipe Zau, académico

A Academia Angolana de Letras (AAL) realizou no dia 9 de Outubro, na Biblioteca Nacional de Angola, uma Mesa Redonda sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 da qual saiu uma Declaração apresentada no dia seguinte no Memorial Dr. António Agostinho Neto, patrono daquela associação cultural.

A declaração salienta o facto de o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (AO90) divergir, em determinados casos, de normas da Organização Internacional para a Padronização (ISO) sobre conceito ligado à ortografia, para além de não reflectir os princípios da UNESCO, nem os da Academia Africana das Línguas (ACALAN), sobre a cooperação linguístico-cultural, com vista à promoção do conhecimento enciclopédico e da paz.

Salienta ainda o facto de não ser possível a verificação científica dos postulados de todas as Bases deste Acordo, factor determinante para a garantia da sua utilização adequada, e desse modo, é desfavorável à ratificação do AO90, por parte do Estado angolano.

Tendo em conta a contribuição de étimos de Línguas Bantu para a edificação da própria língua portuguesa, a AAL advoga que um acordo ortográfico da Língua Portuguesa que vigore neste país considere a importância das Línguas Nacionais como factor de identidade nacional, bem como a necessidade de coexistência entre todas elas.

A AAL considera que a escrita de vocábulos, cujos étimos provenham de Línguas Bantu, se faça em conformidade com as normas da ortografia dessas línguas, mesmo quando o texto está escrito em Língua Portuguesa.

A AAL constata a necessidade de o

AO90 ser objecto de ampla discussão com o concurso de todos os Estados membros da CPLP, e considera imprescindível que se estabeleça, por parte dos Estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), um período determinado para análise, discussão e concertação de ideias à volta deste assunto, a fim de se encontrar um denominador comum que permita harmonizar a aplicação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (AO90) em todo o espaço comunitário, onde se enquadra Angola.

Por último, a AAL recomenda que o Estado angolano invista em ensino de qualidade, quer em Língua Portuguesa, quer em Línguas Nacionais, como contribuição para a preservação dessas línguas e como factor de progresso económico e sócio-cultural.

ESCREVER O FUTURO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Boaventura Cardoso, PCA da Academia, reconheceu, no seu discurso a propósito, que hoje a Língua Portuguesa tem um "universo simbólico e imaginário enriquecidos por força do histórico contacto com as culturas e línguas nacionais dos países que dela se apropriaram", nos quais se geraram situações de bilinguismo, por um lado, e de transferências linguísticas e neologismos, por outro. Esta circunstância, disse Cardoso, "exige que todos os países que têm o português como língua oficial tenham a mesma voz no que tange aos diversos aspectos atinentes à mesma, pois, por força da história, a Língua Portuguesa também é nossa". No caso de Angola, a Língua Portuguesa (...) é hoje a língua materna de mui-

tos angolanos e é a língua usada por mais de 65% da população na sua comunicação diária, como se expressa no recente censo populacional; é língua de comunicação na política, na economia, na cultura, em toda a sociedade; é a língua em que se desenvolveu a literatura escrita, e é a língua do ensino e em todo o sistema de educação.

Boaventura Cardoso enfatizou que quanto ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, e sobre o qual a Mesa Redonda se debruçou, muitos dos problemas que se levantam e que constituem erros estão descritos no Parecer sobre o mesmo editado pelo Ministério da Educação de Angola, a que se juntam outras questões de natureza cultural que, sendo uma realidade nos países africanos que têm o português como língua, não foram considerados, designadamente, a existência de sons pré-nasais, duplos plurais, ou ainda o respeito pelos radicais das palavras que emigram das línguas nacionais para a Língua Portuguesa.

Boaventura acredita que a actual situação do Acordo Ortográfico acerca do qual são muitas as vozes dissonantes, poderia ter sido evitada se à volta da mesma mesa se tivessem reunido as diversas correntes e, do mesmo modo, não tivessem sido marginalizados os países africanos que falam o português, pois, apenas lhes foi apresentado para ratificação um Acordo firmado entre alguns poucos países.

A Academia Angolana de Letras é uma entidade que contempla nos seus

estatutos contribuir para a compreensão e solução de algumas questões que reiteradamente se levantam no nosso quotidiano e por isso mesmo de grande alcance social, dentre as quais as questões que do Acordo Ortográfico suscita, a das possíveis Variantes Angolanas da Língua Portuguesa e do Estatuto das Línguas Nacionais.

"Por tal facto, sem prejuízo para a necessidade de novos estudos sobre a forma de escrever a Língua Portuguesa, desde logo afigura-se-nos que a ratificação por Angola do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, impõe a necessidade de "Rectificar para Ratificar", processo no qual deve ser assegurado na grafia pelo menos o respeito pela grafia dos radicais das palavras originárias das línguas nacionais angolanas, tal como acontece com as palavras originárias do latim, do grego e de outras línguas e, do mesmo modo, mesmo que ousadamente, a incorporação, ou o reconhecimento, de sons pré-nasais no português", esclareceu o PCA da AAL.

"Tal não nos é indiferente já que, a não consideração dos sons pré-nasais, expressos com as letras "m" e "n", levam para o português significados e sentidos de palavras completamente diferentes do que tais palavras exprimem nos respectivos contextos originais", acrescentou o Académico angolano.

Para evitar equívocos quanto aos sons pré-nasais, Boaventura Cardoso apresentou dois pequenos exemplos:

- Ngola e Gola: no primeiro caso, Ngola, trata-se do título do titular máximo do poder no contexto de língua nacional kimbundu. Sem o som pré-nasal do "n", significa a parte superior de uma peça de vestuário. O mesmo se pode dizer quanto a MFUMU e FUMO. No primeiro caso, significa "CHEFE", nas várias hierarquias e, no segundo caso, "fumo", significa o que de tal termo se conhece na língua portuguesa.

São aparentemente pequenos aspectos, mas são muito significativos no conjunto das comunidades socioculturais angolanas e tais sons estão presentes na variante angolana do português.

A Academia Angolana de Letras, com o que foi dito, propõe-se participar activamente nesta "...rara oportunidade (...) de escrever o futuro da língua portuguesa", contrapondo-se a "uma deriva acaso arriscada, sem o concurso de estudos mais substantivos e iluminantes". Neste debate, não se trata de discutir se o português é língua nacional ou não, porém importa referir que a nacionalidade de uma língua não se prende unicamente com a territorialidade da mesma, sendo certo que é através da língua e não da nacionalidade que se expressa a criação literária e artística. Uma questão outra que a AAL pretende discutir no encontro "Línguas Nacionais, Toponímia e Identidade Nacional", agendado para o presente ano.



A construção poética em Lopito Feijóo K.

O profético, o épico, o clássico e o concreto

(a propósito do livro: doutrinárias lâminas doutrinárias)

Doutrinárias Lâminas Doutrinárias de 94 páginas comporta três divisões onde coabitam vinte textos, totalizando sessenta intenções poéticas, com estruturas e construções em que o místico se combina com o profético, o Épico ganha um protagonismo no conjunto das propostas estéticas e o clássico ameniza o discurso enquanto que o concreto concretiza a epopeia do criador glorificado, com a cumplicidade do tempo, do labor criativo e com o olhar ciumento mas aprovado dos deuses. Só Zambi no seu pedestal não se admira do percurso de um rio que recriou outros afluentes para saciar a sede de muitos homens e mulheres que desconheciam o Norte.

LopitoFeijóo é senhor de uma estética única, cuja plasticidade surpreende os leitores pelas combinações semânticas e estruturas que nos remetem para as canções ou melhor para o canto, mantendo no entanto uma modernidade que se actualiza constantemente.

1-O PROJECTO "DOUSTRINÁRIO"

Doutrinárias Lâminas Doutrinárias é um livro uni-temático e doutrinar, como o próprio título sugere. O autor apresenta uma doutrina (modo de pensar) que inicia com o livro Doutrina publicado em Agosto de 1987 (1ª Edição), Coleção caderno lavra e oficina/nº 69, UEA, 5000 exemplares.

O livro a que nos referimos a pouco é o ponto de partida para um projecto maior que se foi alimentando de outros pequenos projectos e que se consolida agora com Doutrinárias Lâminas Doutrinárias.

O LopitoFeijóo apresenta-se com um modo próprio de pensar que se espelha no modo de agir e de estar dentro e fora da Literatura Angolana para não dizer-se da Cultura angolana e Africana. Prova disso é o facto de a sua actual residência se ter transformado numa casa-museu, uma antecipação do que seria ou será o futuro daqui a uns quantos anos.

Poucos são os autores do período pós-independência com projectos estéticos já consolidados e cujo labor tenha decantado uma marca inconfundível; LopitoFeijóo é um deles.

2-O PROFÉTICO

Quando visualizamos o primeiro capítulo (do nosso mundo & do mundo alheio) em a sabedoria V (pág. 25), VI (pág. 26), VII (pág. 27), VIII (pág. 28) e XIII (pág. 33), deparamo-nos com um fenómeno que no momento actual galvaniza a opinião do público e tem solicitado rios de tinta. Trata-se do panorama político particular que atravessamos, consubstanciado nu-

ma mudança geracional na hierarquia do poder instituído mas também uma mudança de paradigmas na gestão da coisa pública.

O declínio de uma aristocracia principesca urbana (um misto de bajulação e endeusamento) para dar vazão a uma governação patriótica, pragmática, mais próxima dos cidadãos, que credibiliza as instituições do Estado e que exhibe como bandeira o combate à corrupção e à impunidade.

Mas estão enganados os que pensam que o autor só agora faz esta démarche. No seu livro Marcas da Guerra e Percepção Íntima & outros Fonemas Doutrinários (A Doutrina sempre como pano de fundo) no texto Dedicções II, pág. 52 afirma:

Zimbabwé com mel e fel / casa fiel miraculoso quartel / mártir barril de vinho e pólvora / eis o caminho envolto em mistérios / que trazes no ventre dos teus mistérios / mordaz e volável mátria memorável! /.

O poema não está datado, a impressão é de 2011. Estamos em presença de um texto premonitório do que seria e foi a situação no Zimbabwé, no declínio da era Mugabe.

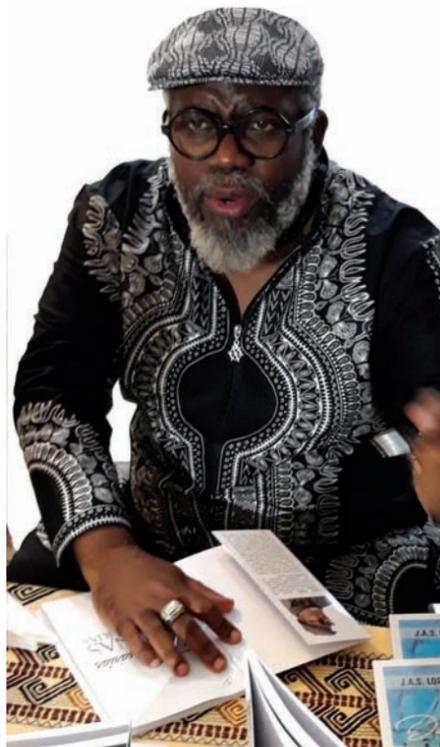
Já agora vale comentar o lexema sabedoria que dá mote ao nosso livro. Sabedoria; grande abundância de conhecimento. Erudição (...) qualidade de quem é sabedor (...) conhecimento rigoroso da verdade (...).

Esta presunção se fosse proveniente de um neófito estaríamos em presença de uma blasfémia mas vindo de quem transformou o barro em aço significa apenas uma assunção corajosa que desde já felicitamos.

3-O ÉPICO

Importa recordar que o livro está organizado em três partes a primeira, Volume inicial de uma Trilogia (O passado). A segunda Das Ilusórias Aparências e a terceira Do Amor e do Rancor. Ganha notoriedade o texto "Da sabedoria Umbundu (pág. 17)", uma pesquisa que consideramos fulcral para o reencontro com as nossas origens e o saber codificado dos nossos ancestrais.

Os textos com pendor assumidamente épicos, vamos encontrá-los em sabedoria VIII, vende-se uma pátria incompleta (pág. 28), XIII apreciamos as nossas chuvas (pág. 33), LII, neste florestal Maiombe esquecido (pág. 78) e LX silencioso diálogo de sábios (pág. 87), sendo este último uma brilhante denúncia de um crime político ainda não esclarecido ou se quisermos que não mereceu até ao momento o devido tratamento judicial, nos termos da lei numa sociedade que se quer democrática e num Estado de Direito.



4-O CLÁSSICO

Os textos de dimensão clássica em LopitoFeijóo remontam do seu Doutrina já aqui citado, sendo pois um livro de marca do autor. As construções e intuições poéticas consolidaram-se nos livros seguintes como já foi afirmado. Do livro em nosso poder identificamos os seguintes textos clássicos; sabedoria XVI (pág.35), sabedoria XXIV (pág.46), sabedoria XXV (pág. 47), sabedoria XXVI (pág. 48), sabedoria XXXVII (pág.60), sabedoria XLI (pág. 67), sabedoria XLIX (pág. 75), sabedoria LV (pág. 82) este último do qual aproveitamos para que nos deleitemos com a sua leitura:

Amar inimigos é arte esplendorosa amar atrevido é arte superior desbravando rancorosos caminhos, amar é reinar em sã consciência a todo o instante.

Amor é flâmula de arrojados sentimentos criar, dar vida e pensamento. Construir destruindo entregue cinicamente ao mundo promiscuo.

Amar liberta e na pele sublima o alvorado orvalho da tela carente. Altas e baixas tensões o amor regula, infernal bombeando sangue, deslumbrando almas.

É necessário ter-se muita lucidez e um coração de criança para chegar-

se à conclusão de que amar o inimigo é arte esplendorosa. Amar o inimigo é como dar a outra face quando somos atacados. É ver no outro um igual. Afirmamos num livro inédito que "Quem não amadureceu sofrendo é incapaz de expressar emoções e de entender a compaixão que resulta da própria dor".

LopitoFeijóo é o inverso do que afirmamos, é o exemplo digno de quem amadureceu sofrendo, daí ter entendido perfeitamente a compaixão que resulta da dor tal como o Nazareno pregou antes de ser crucificado.

Já agora por clássico interpretamos o conceito de Aguiar e Silva quando afirmamos "Entende-se muitas vezes autor clássico aquele que, pela vernaculidade da sua locução, pode ser considerado como mestre da pureza do idioma e, portanto, como um modelo a seguir pelos que se consagram à arte de escrever".

5-O CONCRETO

Julgamos não ser este o espaço apropriado para falarmos da origem da Poesia Concreta, no entanto, vale recordar o que afirma Francisco Soares no nº 2 da revista MAKÁ da UEA, (pág. 27 a 52) no artigo por si assinado intitulado "Concreto e Visual", que citamos:

"Nos anos 50 em São Paulo, Os irmãos Campos (Haroldo, 1929-2003) e Augusto (1931-) e Decio-Pagnatari (1927-) e poucos mais, começaram a desenvolver a teoria e a prática da poesia concreta, numa articulação estimulante com realizações contemporâneas no resto do mundo.

A revista Noígrandes, criada pelos três, viu a luz pública em 1952, inaugurando colectivamente o movimento (o livro precursor, o rei menoso reino, de Augusto de Campos saíra em 1951)".

O autor do artigo, recupera uma citação de Haroldo Campos que caracteriza o movimento nos seguintes termos «outro tipo de estética que se pretende revolucionária sob ponto de vista contedístico, constrói, com ligeiras modificações [em relação ao novo arcadismo], seu paraíso doméstico, negando pura e simplesmente qualquer interacção na literatura brasileira, num plano de experiência internacional, por razões de tropicalismo porque meufanista, como se lhe fosse destinado, sem remissão, o papel de literatura exótica ou de excepção».

No caso concreto de Angola temos conhecimento do labor de autores como António Jacinto, Waivoca André, heterónimo de Costa Andrade, (sublinhamos heterónimo porque neste caso o pseudónimo do escritor era Ndunduma WeLepe), Ruy Duarte de Carvalho, Arlindo Barbeitos, David Mestre, Jorge Macedo, José Luís Mendonça, João Maimona, António Panguila entre outros.

Como devem imaginar é difícil escolher um poema concreto no meio de um mar de textos bem conseguidos. No entanto tivemos a ousadia de trazer a público o poema: sabedoria XXXI. (pág. 54).

Crónica de um artista experimentado

Van - Depois dos 40 anos



O pintor Van

LAURA
MARÍA
PIEDRA

Escrever sobre o trabalho de um artista é sempre uma tarefa difícil para quem enfrenta o monstro da tela com a página em branco e o teclado atraente. No entanto, pode-se dizer que o mesmo acontece com os criadores quando têm diante deles a enorme tela e os pincéis preparados.

É que sempre o exercício crítico da arte envolve um acto longe do espelho de Narciso: para falar da arte con-

temporânea, é preciso deixar as contemplações fúteis e observar a história por trás das obras.

É justamente a HISTÓRIA o que poderia caracterizar a mais recente exposição de Francisco VanDunem: Van - Depois dos quarenta anos. De 11 de Outubro a 13 de Novembro, o público terá acesso a esta grande exposição no CAMOES / Centro Cultural Português.

Como é bem divulgado desde o próprio título da exposição, esta é uma exibição retrospectiva que inclui boa parte do acervo do próprio pintor "angolano, africano e universal", como o próprio Van se faz chamar.

A exposição propõe mais uma vez olhar ao Van como um artista transdisciplinar, pois esta vez, ele nos mostra sua faceta como curador. Este artista considera suas peças como filhos, tanto que prefere ficar perto delas mesmo em termos de curadoria. Ele não confia

o cuidado de seus filhos a nenhum estranho.

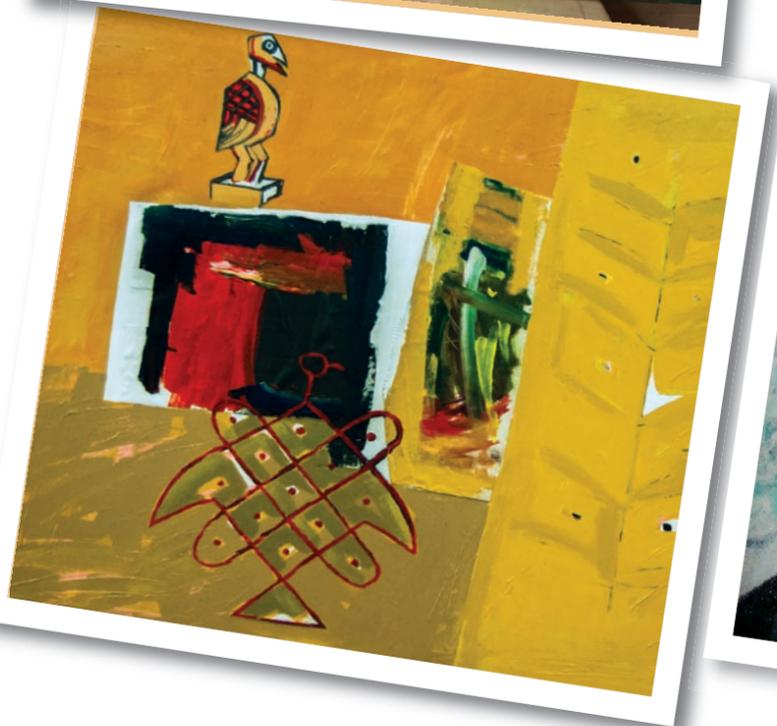
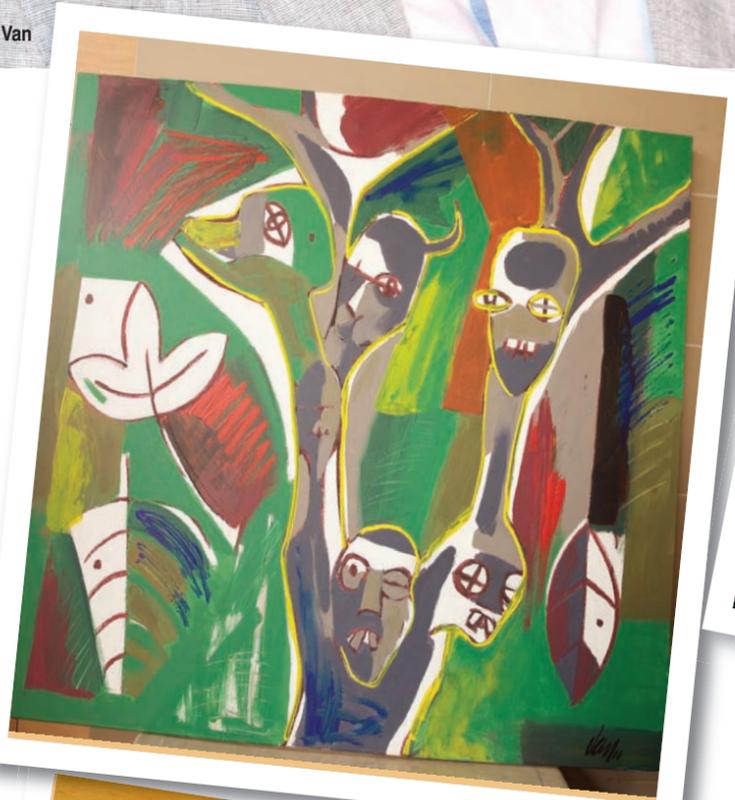
Acompanha de perto o processo. Para Van, curar suas exposições envolve outro acto de criação onde ele propõe sua própria narrativa.

Van depois dos 40 anos é uma amostra que nos atrai com a riqueza conceptual e variedade de formatos e técnicas apresentadas.

Dá início a exposição, uma primeira sala onde se apresentam as obras mais recentes do artista, peças como fotografias, esculturas e pinturas feitas entre 2014 e 2018. São de destacar aqui peças, que apesar de serem declaradas como esculturas, estão realmente mais ligadas a uma operação artística de Assamblages: caixas de ferramentas manipuladas e intervencionadas com uma escultura de madeira do Pensador.

Os desenhos e colagens aqui apresentados são audaciosos, carregados com aquele ar de desrespeito tão característico da pós-modernidade. Apreciamos retratos tradicionais acompanhados de peças de tecidos que impactam pelo contraste visual e texturas presentes nelas, além de 3 fotografias em suporte de madeira com uma corda irreverente como substituto dos elementos técnicos da montagem curatorial.

Também digno de nota são as duas instalações que ocupam o centro da sala. Uma espécie de vagão destruído, colorido e reconstruído pela arte, Prevenção Rodoviária, e uma peça com limites difusos entre a escultura e a instalação:



Árvore Primária



Esta primeira sala é uma espécie de introdução ao que veremos mais adiante. É uma contagem regressiva no tempo / espaço Van, desde a arte mais contemporânea até a prática mais tradicional. Mas cuidado público, não perda a sua capacidade de surpreender-se!

E que surpresa quando no mesmo espaço convergem pintura, vídeo, cerâmica, retrato, diferentes técnicas de gravura e finalmente, uma grande instalação com claros indícios a Arte Povera, e essa marca, tão característica de Van, que são as folhas secas de árvore. E eu me pergunto: haverá alguma manifestação de arte que este artista não se atreva a experimentar? Acredito que não. Van é multifacetado.

No conjunto de pinturas acrílico e óleos, há uma angolidade ameaçadora, com linhas fortes e muito agudas, que se projectam através de um cubismo harmonicamente revisitado desde a abstracção geométrica e simbologia africana.

São vários as peças que carregam uma história pessoal para o artista, trabalhos que brincam e folgam coma abstracção das formas sem cair completamente nelas, ecom uma pigmentação muito ocre, que sempre nos lembra os cores naturais desta terra única. Terra

angolana da sua província natal, Bengo; que coloca em todo o seu esplendor a partir da peça Morro de Salalé-Labirinto: um monte de terra penetrável que podemos ir e pegar nas entranhas de um país Africano que se orgulha de seus ruídos, sua flora e sua fauna. Orgulhoso de toda a sua história.

Por outro lado, há um grupo de trabalhos desenvolvidos com técnicas mais tradicionais datado do final dos anos 70. Estas peças, nos apresenta áVan muito cauteloso formalmente. Naquela época, era um jovem discípulo de seus professores cubanos Choco e Nelson Dominguez, dos quais sempre esteve atencioso a todas suas lições. Se você observar bem e conhece um pouco da arte cubana da década de 70, poderá ver as claras influências. Por outro lado, as gravuras mostram uma abrangente confiança em suas diferentes técnicas: Vantem coragem com a xilogravura, a serigrafia, a aguarela e outras.

O artista nos apresenta uma grande diversidade cultural africana a partir de uma geometrização figurativa influenciado por ideogramas angolanos tradicionais, elementos simbólicos da cultura Cokwe, assim como ao apego (dividido entre a sensualidade e o dogmático) que sempre

teve a forma feminina.

Seu trabalho Mulheres junto ao rio, nos faz lembrar para o tema das lavadeiras tão presentes em todo o avanguardado século XX, no entanto, mas lembre-se de Matisse ou Gauguin, sempre a imagem de zungueiras ao longo do rio Kwanza vem à mente.

E é que os trabalhos apresentados nesta exposição carregam o peso das histórias pessoais do artista como no caso do Retrato de meu pai, Guarda Fronteira, Dia-Van, entre outros.

Quase terminando este tipo de "retrospectiva textual" de Van, devo falar das peças cerâmicas. Elas são requintadas na sua factura e com um brilho ao qual não estamos muito acostumados, pois a paleta de Van, é pelo menos discreta. Mas nas peças cerâmicas vemos uma faceta que o artista não nos mostra commuita frequência, mas quando ele decide fá-lo esmagador.

E esse é o termo que uso para termi-

nar esta crónica. A exposição "Van- Depois dos 40 anos", é uma exposição contundente. Apresenta um grande caminho percorrido por este artista, onde na qual nos revelou uma estreita relação com sua melhor fonte de inspiração: Angola, África e o universo.



Laura María Piedra Rodríguez, Matanzas, Cuba, 1990. Licenciada em Historia de Arte pela Faculdade de Artes e Letras da Universidade de Havana, é professora de História de Arte, Crítica de Arte e Semiótica, do Departamento de Artes Plásticas do Instituto Superior de Artes, em Luanda, Angola. Francisco Van-Dúnem (Van) nasceu no Icolo e Bengo e fez os estudos primários e secundários em Luanda. Concluiu o Curso Geral de Artes Visuais na ex-Escola Industrial de Luanda (1976). É Membro fundador da União dos Artistas Plásticos (1977). Concluiu o Curso Médio de Pintura em Havana em (1981). Concluiu a licenciatura em Educação Visual e Tecnológica na Escola Superior de Viana do Castelo (1994). Foi co-fundador e professor de desenho, gravura e pintura e também Director da Escola Média de Artes Plásticas em Luanda (1994/1997). Concluiu o Mestrado em Educação Artística na University of Surrey Roehampton Londres. Foi Secretário Geral da UNAP e Director Nacional de Formação Artística. Actualmente, é docente da disciplina de desenho no Curso de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade Agostinho Neto e Professor colaborador no Instituto Superior de Artes. Conta no seu percurso com mais de 30 exposições individuais e mais de uma centena de exposições colectivas apresentadas em Angola e outros países, como Argélia, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, Cuba, Espanha, Gabão, Itália, África do Sul, Inglaterra, Namíbia, Jugoslávia, Hungria, Guiné Bissau, Inglaterra, Namíbia, ex-Jugoslávia, Hungria, Moçambique, ex-Checoslováquia, Zâmbia, Rússia, Noruega, Suécia, Portugal, Congo, França, Alemanha, EUA, Japão e China.

Entre os Prémios recebidos, incluem-se: Prémio Mural Cidade de Luanda/1985; Prémio Banco de Fomento Exterior/1990; Prémio Ensa-Arte/1996; Prémio Ensa-Arte/2004; Prémio Nacional de Cultura e Artes/2008.

Erika Jâmece

A Memória no Traço do Futuro

GABRIEL BAGUET JR.

As notícias ao longo da história da humanidade marcaram o quotidiano do mundo. E continuam a marcar... Através dos diversos meios de comunicação, os noticiários, sejam pela via telefónica, móvel, imprensa, radiofónica ou televisiva, fixam na nossa memória individual e coletiva esse tempo fixado em cada história contada. Não há futuro sem memória oral e escrita. Esta exposição da pintora angolana Erika Jâmece, percorre vários tempos.

O tempo da terra onde nasceu, o tempo das cores quentes onde se inspirou como a terra vermelha de Luanda e o tempo de um devir imaginário que é o que o seu olhar e os seus pincéis pintam.

No livro da autoria do escritor Mário Dionísio, intitulado "A Paleta e o Mundo", o mesmo refere, e cito "Que sob grandes tempestades tem vivido, lutado, esperado e desesperado desde os dias de Vincent Van Gogh. Toda a arte moderna é a voz de muitos ecos deste homem de muitas faces no seio de temporais que ele próprio no seio de temporais que ele próprio desencadeia e de que não conseguiu até hoje libertar-se", fim de citação.

A exposição de Erika Jâmece evidencia claramente as suas opções estéticas e artísticas.

O mundo da pintora Erika Jâmece percorre o seu tempo crucial, mas um olhar narrativo e atento sobre o mundo inteiro, onde ela habita. Há um agir local, mas um pensar global.

Angola é o seu ponto de partida. O mundo o seu local de chegada onde ensaia novas janelas de chegada na sua relação com a arte.

A pintura tem sido o seu destino. O seu percurso de criação vai ao encontro dos oceanos de arte do seu interior. As suas telas são o seu modo de expressão dos seus conceitos artísticos e no modo como se apaixona pela arte. A sua imaginação situa-se entre o sonho e a realidade, mas também nas tintas, nas cores e num universo deslumbrado e deslumbrante. O seu olhar e os seus imaginários não têm um filtro no modo como percorre e executa as suas criações.

O título da exposição porque optou a pintora angolana Erika Jâmece é muito elucidativo coincidente com a realidade do mundo atual.

Não há futuro sem memória. Cada tela representa um tempo e um despertar para múltiplas reflexões. O mundo está em constante mutação. Logo ao visualizarmos e a dialogarmos com as telas expostas, 22 das quais inéditas, num total de 36 obras onde encontramos silêncios e exaltações. Des-



ERIKA JAMECE

cobermos poesia no silêncio mais profundo em cada quadro que atravessa muros e cumpre-se assim outros horizontes que nos conduzem a contemplação desta exposição.

Erika Jâmece cumpre assim os seus apelos interiores e permite que o visitante retire as suas conclusões e na esquina de cada tempo possa refletir sobre "Históricas notícias de traços e pinceladas de Erika Jâmece".

As cores vibrantes e os traços tornados realidades tração assim desenhos de novos diálogos e falas entre a Arte / Cultura de Angola e do mundo.

Lisboa/Santa Marta - 2018

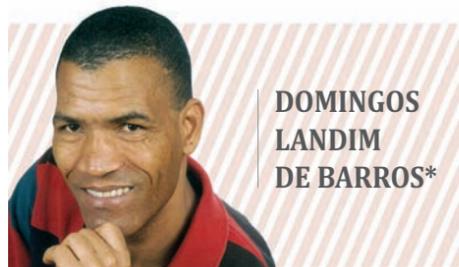
(Texto de apresentação da exposição "Históricas notícias de traços e pinceladas de Erika Jâmece", no Espaço Santa Casa, em Lisboa, no passado dia 12 de Outubro)

Gabriel Baguet Jr. é escritor e investigador



ERIKA JAMECE

Minhas três edulcorantes sensações



DOMINGOS
LANDIM
DE BARROS*

No decurso de toda a minha vida, poucas vezes me deparei com situações que me catapultaram para o estado de apoteose ou de vibrantes fascinações. Das que me lembro, apenas três têm lugar cativo na frescura da minha mente. Por exemplo, como se vai ver infra, houve partidas sem regresso e chegadas sem sucesso, ao longo de uma extenuada odisséia. O melro de Coimbra, que se punha no peitoril da minha janela, no prelúdio de cada amanhecer, para me instar a voar do leito, quando estive por lá a cursar Delírio e Fantasia, na Faculdade de Vidência & Faz-de-conta. Depois, a francelha do remanso, assomando afoitamente o cutelo da minha infância, em cima de um penhasco, que sobrepujava a então faustosa herdade, onde a nossa casa de família tinha assento. Ela mirava ansiosamente o batelão de cor trigueira, atracado no cais da antiga capitania, na cidade de Maria e de Vitória, que fazia o transbordo para um navio fundeado ao largo, à espera do apito para zarpar, com destino a Luanda, em terras de luzente Dona Ginga.

E uma galinha-mulher feia, arebuscada feiteira que, num golpe-de-asa, se transmutava em idealista, para passar a perna de perfídia ao esganado meu avô. O melro de Coimbra acabaria por ser meu compadre, na Colina de Candeia. Eu havia acasalado com fetiche de fulgurante incandescer e na sequênciaroguei ao nédioprotector da cercania para me servir de testemunha. Eram tempos de penúria e de visível sacrifício. Um tipo, por mais que fosse marrão, chumbava amenamente à mesma. Para o meu maior assombramento, o talismã de bico doirado e de alucinante adoração não só aceitara patrocinar a minha presença no cáldido dosítio, com todo o seu cilício, como também me garantia que seria meu devoto companheiro durante a fatigante sabatina. «Para ti, só para ti, sou doravante um ponteiro de virente reluzir no limite do horizonte, no despontar de cada aurora rósea. Ou, se quiseres, sou exato Big Ben de Guilherme, no alto da Torre de Londres. Aceita o amuleto, adventício?», quis ele assegurar a minha anuência. Ao que reagi mais rápido que um flash «como não, se sou um peregrino de vontade e passo sofregamente mal neste rincão? Meu amo, eu nunca tive preceptor de

caminhada e é a primeira vez que me emerge um anjo de cativante bom humor, para me passar o seu cobalto».

Ele arfou as suas asitas e sossegou-me «não tenhas receio do meu exíguo parecer. Eu não preciso de vistosos aparatoses de anáguas-espartilho para te nimbar de lenitivo». Encarei o meu tutor e sussurrei «jamais me impressionei com a quantidade dos aportes de ninguém. O que me importa é que faças algo por mim, querido líder». Então, ele elevou-se nos pernis, impou a quilha, afiou o bico e aduziu «se tiveres que incumprir com os teus deveres, nunca será por ausência do meu canto melodioso às cinco da matina, em ponto». Depois de assumir a tarefa de me despertar, com toda a bonomia, resolveu confessar um seu intento até aí desconhecido «é o meu ardente desejo colocar-me nas vestes de afeiçoado maior, para te pôr a fita na lapela, nodia da tua benquista formatura». Aceitei o bálsamo com folga-

avariado a dar palpites sobre vaticínios impossíveis de ocorrer». Minha mãe tremulou bastante, ficou hesitante, mas o passareto de bons prenúncios encolheu a pluma e tranquilizou-a «podes afogar-me, torcer-me o pescoço e fazer de mim um delicioso aperitivo. Ou julgas que não sou de grandemonta para o regalo dos teus filhos? Juro-te que sou de uma degustação fora de comum».

Assim, ela própria colocou o pescoço entre os dedos da minha mãe e implorou «afoga-me, afoga-me, Esmeralda! Do que estás à espera?». Porém, antecipando a decisão da minha mãe, ela trinchou a última bosta que tinha no esguio de intestino e prescreveu «guarda bem esta relíquia, que poderá ser de muito bom fado para os teus meninos. Sempre que um deles adoecer, põe uma pitada da minha intimidade numa chávena de chá e dá-lhe de beber. Vais ver como recupera a mística num zás». Minha mãe ordenou-me

clã, para nunca mais voltar. Aliás, não foi a primeira vez que as ninfas do estuário do Dande e da bendita água do Bengo nos tinham pregado semelhante partida na família. Meu tio, Sebastião de mítica saudade, escapulira-se à sorrelfa para a mesma excelsa seara, quando miúdo, a partir da Ribeira das Naus da minha suculenta ilha de berço. Mandou inúmeras cartas e fotografias, tecendo rasgados elogios à terra e às gentes que o acolheram. Tanto se deu bem à nova estância que por lá ficou, para toda a perenidade. Isto apesar de acalorada clemência do meu avô, no sentido do seu regresso. Em verdade, meu tio Sebastião cortara os laços que o ligavam às raízes do seu gentilico lugar. Bem, já sabemos que «quem bebe água do Bengo», como se diz na folclorina voz da Banda, fica logo adocicado. Das poucas missivas que recebia, meu avô, primeiro, colocava a vista na fotografia, passava depois à mulher e só no rescaldo desse



do regozijo. Em decorrência, meu dador-de-mote abençoou-me, com a sua puritana sensibilidade, em todas as doridas alvoradas da minha estada na cidade de Minerva.

A francelha, acabando de dar série de boas novas no penedo da minha aldeia, empreendeu um voo descendente para dentro do quintal, caiu nos braços da minha mãe e abdicou «estou entregue nas tuas mãos. Podes depenar-me e cozinhar. Já não tenho gás na lâmpada, nem valia digna de nome nesta minguá de vida. O prazo para as minhas adivinhações e efabulações terminou. Sinto um nó na tripa, mas, enfim. Tem coragem e sacrifica-me, agora mesmo. Senão vou andar por aí atarantada, a inventar patranhas e a ver figuras obtusas, não acertando em uma, tal que faria uma decrépita Sibila, contribuindo para o meu auto-desprestígio, com o único intuito de sobreviver a todo o custo e de defraudar os meus patrícios, justo um relógio

a abrir a mala e a retirar dali um lençol em estado virgem. Ato contínuo, mandou-me cortar um naco de pano. Guardou a deixa da nossa testadora dentro dele e instruiu-me no sentido de apôr a secar no muro do quintal. Entretanto, a francelha se insurgiu «não, não é preciso. O meu legado não tem nada de humidade, porque nunca bebi água. Eu só sorvi ao longo da minha vida o elixir de éter-magnésio e o soro de malva seca». Posto isto, expirou aos cuidados da minha mãe. A carne dela era de facto uma ambrósia de deidade. Antes de acabarmos de a consumir, ela reergueu-se em viés de apenas alma e incitou-nos «deixem um pequeno filé de mim pendurado na cumeira de cozinha e vão ver o que acontece». Minha mãe, depois de uma renhida disputa com a nossa cupidez de devorar todo o petisco, lá conseguiu reservar a trincha de iguaria destinada ao fumador.

O barco mergulhou a foice na água e bazou com a única hurido nosso

tranche de leite é que se lembrava de ler a epístola.

Numa delas, meu tio começa assim a sua entusiasta locução «meu pai, gosto tanto disto, tanto, tanto. Temo ir e não me deixarem retornar. Este recanto é um escândalo de bênção, o lugar de queda favorita de todos os deuses e prodígios juntos. Meu ledo pai, extensíssimas achadas, elevações que serpenteiam em torno de obelisco, desde o fundo do mar até o cume da Leba, como cintos anelares à volta do saturno; montanhas vertiginosas e verdes o ano todo, com águas a brotar de íngremes rochedos, das entranhas da diletante mamãe-África, em grandes catadupas, a decantara toda brida em riões lagos, largos do tamanho dos oceanos. Campos enormes que se perdem na lonjura de deifica visão. Um país descomunal e próspero, sem fim, porque dispõe de um acervo incensurável de fazendas e jazidas e de uma imensa biodiversidade. É duma

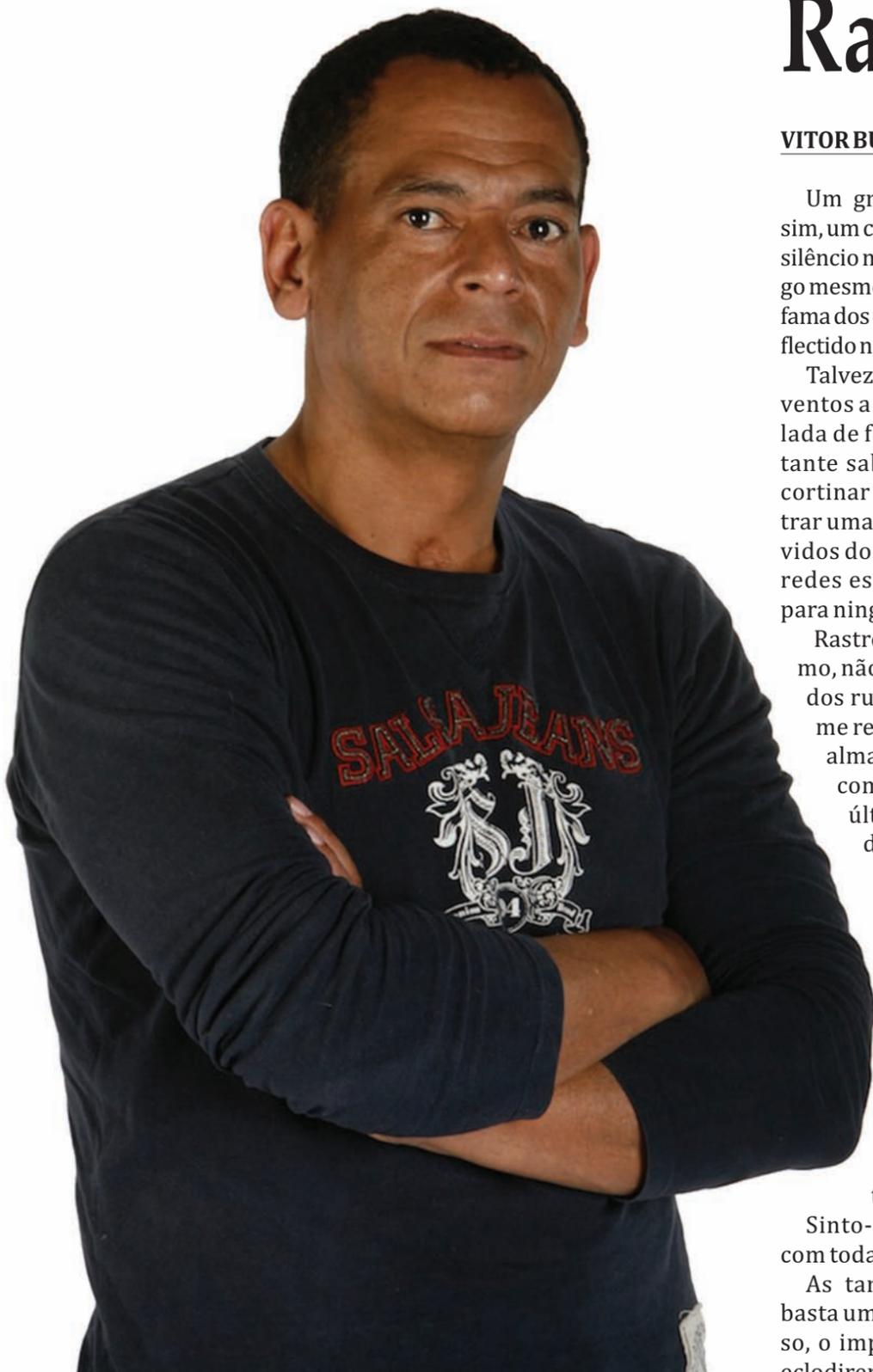
dimensão doutra galáxia, amigo pai».

A galinha trambiqueira de Matolém, que nunca morria nem dava seus ovos a ninguém, era a mais inebriante feiticeira da localidade, como já disse. Sempre no pico de cutelo a indagar tudo o que se passava à volta da comuna e a cacarejar incessantemente. Certo dia, meu avô brandiu a caçadeira, apontou na direção do seu pescoço e pumba. Quando nos aproximamos, era um cadáver de mulher que ali estava. Mal o tocamos, o corpo transformou-se em borboleta e desapareceu. Ao entrar em casa, estava elade piqueteno quintal. Ajoelhou-se junto do meu avô e suplicou «deixa-me voltar a viver e prometo que não te vais arrepende. Eu ainda não fui assaltada por nenhum homem». Meu avô que era um compulsivo mulherengo, ficou radiante com a ideia e perguntou «que tenho que fazer para te pôr a gloterar e a dar pinotes no cutelo novamente?».

A galinhola enredou o meu avô numa cilada, através destealiciente lamiré «faz uma cruz no cocuruto da minha

tola e vais ver que rebenta uma fabulosa metamorfose. Durante o dia, sou galinha e tenho crista no alto da marmitta. É a minha antena de captar irradiação e novidade. À noite, sou mulher, coma iscasaborida na fundura, como qualquer outra. Acredita que é merenda da mais fina e requintada categoria. Não te iludas com o tosco do meu rosto, aposta e faz aquiloque te instigo», reforçou. Meu avôficou garboso esquer nos consultou a respeito. Pois, pela pepita demulher até a alma ele vendia. Por isso, caiu cocote num grande logro. Ele tocou a cabeça da galinha e aquilo irrompeu em tenebroso intenso fogo, que o queimou a si e a todo o redor da nossa casa. De seguida, a bruxa esfumou-se num ataúde de névoa. Até hoje. E o meu avô todo torricado, a estrebuchar, como um gato na braseira. Nota: francelha é uma catita e mui bonita ave pequena, que gosta de planar os ares, pairando sobre espaço, obsequiando a vizinhança com a dançabuê porreira.

***No couro de Donato de Advento**



Rastreio a minha voz

VITOR BURITY DA SILVA

Um grupo enorme sem ninguém, sim, um carreiro longo e à distância um silêncio medonho. Encontrar-me comigo mesmo. Procuo num espelho a azáfama dos instantes e nada, eu apenas reflectido nele, o silêncio é medonho.

Talvez me encontre nas paredes de ventos a montante, esta barreira calada de frios e arrepios que só o instante sabe. Não sei se consigo descortinar esta inconstância ou encontrar uma explicação plausível aos ouvidos dos mortais, mas, sabes, as paredes escutam-me, mesmo que fale para ninguém.

Rastreio a minha voz por isso mesmo, não porque me sinta escondido dos ruídos da cidade, nem porque me refugie nos silêncios da minha alma, mas porque não me sinto com vontade de desperdiçar as últimas forças que a razão me deixa ter. Por que razão me obrigam a entender os ditongos dos outros? Sou apenas uma razão, a que me faz sentir-me.

Em todas as paredes encontro uma janela, ora aberta ora fechada, e fico por ali, talvez medo da liberdade. A liberdade tortura, dá azo a imensos pensamentos e gestos e tantas vezes isso cansa.

Sinto-me enjaulado nesta parede com todas as janelas abertas.

As tardes repetidamente iguais, basta um gesto e nada mais do que isso, o importante é a visão e a voz a eclodirem silêncios descobertos, bus-

cas vagarosas, a pressa incomoda, tudo é um vale de águas paradas entre montanhas esquecidas.

A liberdade de viver sem ela, isso a nada me pode obrigar mesmo que nada fechado, não saio de mim. O que é então a felicidade? Coisa estranha, sabes? Não consigo descortinar-la assim, de olhos cerrados contra as minhas próprias convicções, não descobro a verdade dos outros na minha cabeça aberta nesta sala, este lugar qualquer que me liberta na minha vontade, o chão poisado em si e eu sobre ele, caminhando devagar de trás para a frente e vice-versa, vivendo o meu próprio desejo.

Chamar-lhe vício é pouco, as coisas são naturais, correm e desfilam diante mim e eu a vê-las encantado, as sombras que ficam poisadas em cada passo de alguém que desconheço, a marca de cada pé descalço nestas areias da vida, onde as janelas abertas me fazem ficar parado.

O não colorido deste sol perdido onde nuvens passeiam a seu ritmo, deito-me na minha cama solitária tentando redescobrir-me sentindo-me ou entender-me como nunca consegui. Sinto-me naufrago voluntário dos meus próprios desejos e neles esta calma de pasmar.

Rastreio por isso a voz, cada instante é um absoluto estranho, cada vontade uma relíquia guardada nesta alma de todos e com todos a minha vida, ainda que calada, vivo-a no salitre descoberto para os sais minerais que busco. A água fresca na garganta pergunta-me pela vida e respondo calado, o rosto também fala exprimindo a sua vontade.

Brazzaville quer "Grande Museu do Reino do Kongo" na sua capital

GASPAR MICOLO

Antropologia angolana esteve em destaque numa conferência realizada em Luanda, iniciativa das Embaixadas da França e da Alemanha com o financiamento do Fundo Cultural Franco Alemão (Fonds Culturel Franco Allemand), e que contou com a participação especial do historiador Jean de Dieu Nsondé, do Congo-Brazzaville, especialista em História do Reino do Kongo, radicado em Guadalupe.

Logo no primeiro dia do evento, que decorreu nos dias 16 e 18 de Outubro, o antropólogo Ziva Domingos, chamado a abordar "A Contribuição do Futuro Museu do Reino do Kongo na Preservação e Valorização do Património Cultural", começa por lembrar que o actual "Museu dos Reis do Kongo", fundado em 1978, foi renovado em 2007 e que se trata no fundo de um "museu biográfico".

O actual director nacional dos Museus refere que é necessário que a mesma evolua para um Museu do Kongo que se assuma como referência cultural e ponto central da interpretação da história do antigo Reino do Kongo e da sua capital Mbanza Kongo (Sede do poder político, económico, religioso, etc.).

"É uma Casa-Museu, se podemos assim dizer", sublinha. "O Reino tinha um Rei, mas não governava sozinho. Tinha um povo". Ziva Domingos realça a importância desta evolução, recorrendo a uma definição do Conselho Internacional de Museus (2005) que diz que "o museu é uma instituição ao serviço da sociedade, que tem por missão, explorar e compreender o mundo através da pesquisa, salvaguarda e comunicação, especificamente através da interpretação e exposição, dos testemunhos materiais e imateriais que constituem o património da humanidade (...)".

Com 115 objectos (94 expostos e 21 no Depósito), e cujo acervo sofreu roubo e vandalismo em 1992, o Museu dos Reis do Kongo depara-se hoje com problemas de conservação de alguns objectos que, segundo o antropólogo, levantam hoje várias questões como "Que política de gestão das colecções deve ser concebida e implementada?", "Será que as colecções actuais permitem ao Museu cumprir com as suas verdadeiras funções museológicas?" e "Como os vestígios arqueológicos encontrados poderiam ser integrados na colecção do Museu?".

Perguntas sem respostas cabais na conferência. Mas o certo mesmo é que há a necessidade de redefinir as missões e o estatuto do actual Museu dos Reis do Kongo, evoluindo para o Museu Regional do Antigo Reino do Kon-



Museu dos Reis do Congo

go, recomendação que, aliás, já resultou da Mesa Redonda Internacional sobre Mbanza Kongo, que Angola realizou em Novembro 2016.

E, enquanto Angola não avança, o vizinho Congo reivindica a construção de um "Grande Museu em Brazzaville" para retratar a história do Reino do Kongo, de acordo com as recomendações do último Colóquio sobre o Reino do Kongo, realizado em Outubro de 2018, em Brazzaville.

Ziva Domingos explica que se trata de uma reivindicação que deverá merecer uma certa diplomacia da parte angolana, questionando se não terá chegado a altura de se avaliar várias possibilidades: museus regionais, locais e internacionais, ou mesmo uma rede de museus sobre o Reino do Kongo.

Entretanto, o jornal Cultura apurou que, das recomendações de Brazzaville, constam ainda objectivos como o restauro dos contornos físicos da área cultural do Kongo e do reino cujas fundações são culturais; revisar os livros de história integrando o lugar das mulheres na sociedade congoleza; introduzir idiomas nacionais na educação; estabelecer um dia gastronómico para revitalizar os pratos tradicionais e as artes culinárias das comunidades culturais do Kongo, para permitir a sua integração na moderna diplomacia gastronómica; financiar pesquisas transdisciplinares sobre símbolos gráficos relacionados à arte do Kongo (lista, nome, descodificação), bem como os modos tradicionais de comunicação e arquivamento do pensamento Kongo e estabelecer uma avenida que saia da área de Kinshasa através de Nkulimbimbi (onde foi construída a primeira catedral do Reino do Kongo

em 1596), de Cabinda a Ponte-Negra, para promover o ecoturismo. Entretanto, o Ministério da Cultura tem previsto para 2019 a realização da V Mesa Redonda Internacional sobre Mbanza Kongo e o FestiKongo, no âmbito do programa de divulgação e valorização do Património Mundial.

A ANTROPOLOGIA EM ANGOLA

O tema "A Antropologia em Angola (história da disciplina, estado actual e desafios)" coube ao antropólogo Manzambi Vuvu Fernando, que explicou que somente em 2004 foram criados os Departamentos de História e de Antropologia na então Faculdade de Letras e de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto. É que antes disso não havia um curso de antropologia no país. E foi exactamente durante o primeiro Simpósio sobre Cultura Nacional, em 1984, no Palácio dos Congressos, em Luanda, que o Ministério da Cultura recomendou a criação destas disciplinas. O que viria a acontecer em 2004.

Doutorado em Antropologia Social e Cultural e mestre em Estudos Africanos pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, Manzambi Vuvu Fernando explica a evolução da antropologia angolana recorrendo a etapas distintas como a penetração portuguesa em África, encontros e desencontros e literatura etnográfica. No meio, esclarece que o primeiro contacto entre os dois povos não se tratou de um "descobrimto", mas sim de um encontro e depois de um desencontro.

Quanto à literatura etnográfica, subsídios indispensáveis para o estudo da antropologia, Manzambi Vuvu

Fernando começa por citar a obra "A relação do Reino do Congo e das terras circunvizinhas", publicado originalmente na Itália, em 1591, da autoria de Filippo Pigafetta e Duarte Lopes. Duarte Lopes tinha sido o enviado do Reino do Congo ao Vaticano a fim de estabelecer uma ligação directa sem a interferência dos portugueses. E o enviado levou consigo um retrato do reino que acabou por ser rescrito por Filippo Pigafetta.

Além dessa obra, "Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola", de Cavazzi de Montecúcolo e a "História Geral das Guerras Angolanas", de António de Oliveira de Cadornega, ambas do século XVII, figuram igualmente obras fundamentais para a história e a antropologia angolana.

Depois desses autores, diz Manzambi Vuvu Fernando, dezenas de outros se dedicaram ao estudo da etnografia, até que em 1912, no âmbito daquilo que chama de "Colonização Científica de Angola" (1912-1915) se criou o Museu Etnográfico de Angola e Congo, que viria a ser o Museu Antropológico de Angola, que funcionou nas Fortalezas de São Miguel e depois no actual Museu de História Natural. E lembra igualmente José Redinha (1905-1983), etnógrafo e funcionário da administração colonial portuguesa em Angola, que viria a publicar várias obras e criar o Museu do Dundo, além de colaborar no Museu de Antropologia. Apesar disso, o professor auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (UAN) lembra que as sociedades tradicionais não acompanharam o processo de evolução, ficaram estagnadas no tempo,

daí que os trabalhos académicos que foram sendo apresentando eram maioritariamente de carácter descritivo. "Não havia interpretação crítica", diz. "Digo sempre que a administração é um veneno para a ciência", atira, referindo-se à pouca produção de nacionais depois do período acima descrito.

O antropólogo lamenta o facto de a sociedade angolana ainda não ter despertado para as valências de um an-

tropólogo, no processo de estudo da história e na preservação do património cultural colectivo no país, realçando que o processo de desenvolvimento das sociedades deve-se muito ao papel desempenhado pelos antropólogos, enquanto pesquisadores. "A sociedade precisa de valorizar mais o trabalho desenvolvido pelos historiadores, na valorização e preservação da cultura dos povos", disse.



Peças do Museu



Embaixadora da ONU e médico congolês vencem Nobel da Paz por luta contra a violência sexual

Nadia Murad, activista dos direitos dos yazidis e primeira Embaixadora para a Dignidade dos Sobreviventes de Tráfico de Pessoas do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), e Denis Mukwege, ginecologista que ajuda as vítimas de violência sexual na República Democrática do Congo (RDC), receberam o Prémio Nobel da Paz de 2018.

A decisão de dar o prestigiado prémio em conjunto tem o potencial de ajudar a acabar com o uso da violência sexual como arma de guerra, disse a ONU.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, falando na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, elogiou Mukwege pela sua "destemida defesa de mulheres estupradas e abusadas" durante conflitos, ajudando a recuperar

"corpos despedaçados" como um cirurgião experiente, mas também restaurando "a dignidade e a esperança".

Murad, disse ele, deu voz ao "abuso indescritível" no norte do Iraque, quando os terroristas do Estado Islâmico atacaram brutalmente a minoria étnica yazidi em 2014. "Ela buscou apoio para as vítimas de tráfico de pessoas e escravidão sexual, e responsabilização dos perpetradores".

O chefe da ONU disse que o prémio é parte de um "crescente movimento para reconhecer a violência e a injustiça" enfrentada por mulheres e meninas, em todo o mundo.

"Dez anos atrás, o Conselho de Segurança condenou unanimemente a violência sexual como uma arma de guerra. Hoje, o Comité do Nobel reco-

nheceu os esforços de Nadia Murad e Denis Mukwege como ferramentas vitais para a paz", disse Guterres.

O prémio conjunto também foi bem recebido pelo UNODC, que nomeou Murad em 2016 como Embaixadora da Dignidade de Sobreviventes do Tráfico de Pessoas.

O director-executivo do UNODC, Yury Fedotov, elogiou a coragem e resistência de Murad, dizendo que ela "nos lembra que devemos sempre ouvir as pessoas que foram mais afectadas e prejudicadas pelos crimes que buscamos combater".

O HOMEM QUE CURA MULHERES Chamado pela imprensa de "o homem que cura mulheres", Mukwege ganhou reconhecimento internacio-

nal por seu trabalho, incluindo o Prémio da ONU no campo dos direitos humanos, em 2008, e o prémio Sakharov, em 2014.

Mukwege, que tratou milhares de vítimas de estupro em seu hospital na República Democrática do Congo, foi seleccionado para o Prémio Nobel diversas vezes.

A decisão da Academia do Nobel de homenagear Mukwege é o reconhecimento de anos de trabalho como um dos mais proeminentes defensores dos direitos humanos na RDC.

Como cirurgião, ele é conhecido por ajudar sobreviventes de estupro no leste da RDC e foi foco do filme "The man who mends women" (O homem que cura mulheres, em tradução livre).



Denis Mukwege, diretor e fundador do Hospital Geral de Referência Panzi, na República Democrática do Congo



Nadia Murad é embaixadora do UNODC para a dignidade dos sobreviventes do tráfico de pessoas.

Cientistas alertam: 2030 é o ano limite para salvar a Terra

“Os próximos anos são provavelmente os mais importantes da nossa história”

Cientistas internacionais da ONU alertaram sobre as graves consequências da mudança climática que está ocorrendo no mundo. Eles apontaram que é possível limitar o aumento da temperatura a 1,5 graus centígrados, mas apenas com “mudanças rápidas, abrangentes e sem precedentes”. No entanto, se a taxa actual de emissões continuar, esse aumento na temperatura será alcançado entre 2030 e 2050.



ANY
KAROLYNE
GALDINO

(ENGENHARIAE.COM.BR)

O Painel Intergovernamental das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (IPCC) publicou dia 8 de Outubro um relatório especial sobre as consequências de não se alcançar a meta de um aumento máximo de 1,5 grau.

“Limitar o aquecimento global a 1,5 graus Celsius exigirá mudanças rápidas, de longo alcance e sem precedentes em todos os aspectos da sociedade”, disse o IPCC no final de uma conferência realizada em Incheon, na Coreia do Sul.

Ele alertou que essas mudanças devem ocorrer nos sectores de energia, industrial, habitação e transporte, tanto nas cidades quanto no campo. Este relatório é direccionado como um alerta para os líderes políticos, que

devem agir imediatamente.

“Uma das principais observações do relatório é que você já vê os efeitos de um aumento de um grau de temperatura, por exemplo, em condições climáticas extremas, aumento do nível do mar e derretimento no Ártico”, disse o co-presidente de um grupo de trabalho do IPCC, Panmao Zhai.

O relatório do IPCC examina maneiras de limitar o aquecimento a 1,5 em vez de 2 graus, conforme estabelecido no Acordo Climático de Paris (2015), e adverte que os efeitos para os ecossistemas e a vida no planeta eles serão muito menos catastróficos se essa barreira mais ambiciosa for mantida.

Se houver um aumento de dois graus em vez de 1,5, eles alertaram que o nível global do mar aumentará em cerca de 10 centímetros até o final deste século. O que significa que dez milhões de pessoas a menos estariam expostas aos riscos de inundações, tempestades em áreas costeiras.

Isso também significa que os recifes de coral serão reduzidos entre 79 e 90%, em comparação com o desapare-



cimento total. Haverá verão sem gelo no Oceano Ártico a cada 100 anos, contra pelo menos um a cada década, se o objectivo não for alcançado. A pesca também seria afectada, pois não haveria muitos peixes no mar.

“Os próximos anos são provavelmente os mais importantes da nossa história”, afirma Debra Roberts, do IPCC. Estamos sendo alertados, então cabe a todos continuar protegendo o meio ambiente.

Any Karolyne Galdino (http://blogdeti.com.br/), 23 anos, mineira de Itajubá, é estudante de sistemas de informação na UNIFEI (Universidade Federal de Itajubá). Ama compartilhar conhecimento e estar sempre bem informada sobre ciência e tecnologia. Actualmente é editora no Engenharia é: e Desenvolvedora Web Freelancer.

Guterres pede mais liderança e maior ambição em prol do clima

Desde 2012, a ONU tem trabalhado com países em todo o mundo para actualizar os padrões nacionais de combustíveis e de veículos como parte da Climate & Clean Air Coalition. Mais de 50 países reduziram os níveis de enxofre no combustível e aumentaram os padrões de emissões veiculares. No entanto, você sabia que 4,1 bilhões de pessoas em 120 países ainda têm acesso zero ou limitado ao combustível com baixo teor de enxofre?

O mundo corre o risco de cruzar o ponto de não retorno da mudança climática, com consequências desastrosas para as pessoas em todo o planeta e os sistemas naturais que as sustentam, alertou a 10 de Outubro o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres.

Ele pediu mais liderança e maior ambição pela acção em prol do clima como uma reforma de reverter essa tendência.

O compromisso feito pelos líderes mundiais no Acordo de Paris há três

anos para impedir que a temperatura aumentasse em 2 graus Celsius e trabalhar para manter o aumento o mais próximo possível de 1,5 grau Celsius “foi realmente o mínimo para evitar os piores impactos da mudança climática”, disse o secretário-geral Guterres, num discurso histórico sobre a acção climática, na sede da ONU em Nova Iorque.

“A montanha à nossa frente é muito alta, mas não é intransponível. Sabemos como escalá-la”, continuou ele.

“Simplificando, precisamos colocar um freio nas emissões letais de gases de efeito estufa e impulsionar a acção climática”, acrescentou, pedindo uma mudança da dependência de combustíveis fósseis para uma energia mais limpa e longe do desmatamento para um uso mais eficiente dos recursos.

O chefe da ONU chegou a dizer que tal mudança de pensamento é onde “enormes benefícios aguardam a humanidade”.

“Ouvi o argumento – geralmente baseado em interesses – de que combater as mudanças climáticas é caro e

prejudica o crescimento económico. Não é correcto. Na verdade, o oposto é verdadeiro”, enfatizou.

Em sua mensagem, Guterres destacou os enormes custos económicos da mudança climática e as oportunidades apresentadas pela acção climática.

“A acção climática e o progresso sócio-económico se apoiam mutuamente, com ganhos de 26 trilhões de dólares previstos até 2030, em comparação com os negócios tais como são feitos hoje, se buscarmos o caminho certo”, disse ele, citando os resultados do recente relatório de “Economia Climática”, da Comissão Global sobre a economia e as mudanças climáticas.

OS BENEFÍCIOS TRANSCENDEM OS VALORES MONETÁRIOS

“O abastecimento de água e o saneamento resilientes ao clima podem salvar as vidas de mais de 360 mil bebés por ano, o ar limpo tem vastos benefícios para a saúde pública, [e] na China e nos Estados Unidos, novos empre-

gos de energia renovável agora superaram os criados no sector de petróleo e as indústrias de gás”, explicou Guterres, observando vários exemplos de todo o mundo da acção climática, resultando em enormes benefícios para países e comunidades.



António Guterres

Consumo de carne é um dos problemas mais urgentes do planeta

Emissões de gases do efeito estufa geradas pela pecuária rivalizam com a pegada de carbono dos sectores de transporte rodoviário, aéreo e espacial juntos. O alerta é da dupla de empreendedores norte-americanos Ethan Brown e Patrick O'Reilly, que encontraram alternativas suculentas para o consumo de carne animal. Os seus negócios foram reconhecidos neste mês com a condecoração Campeões da Terra, o prémio ambiental mais importante da ONU. Embora seja uma fonte diária de nutrição e prazer culinário para bilhões de pessoas, a carne animal é pouco sustentável.

CARNE DE VEGETAIS

Pensando em soluções para o problema, Brown fundou em 2009 a Beyond Meat, uma companhia que identificou os principais componentes da carne de origem animal para extrai-los de plantas. A empresa usa ingredientes como ervilhas, beterrabas, óleo de coco e amido de batata para produzir uma carne mais sustentável, mas igualmente saborosa.

"A carne é composta por aminoácidos (a base das proteínas), lípidos (gorduras), minerais e água. Os animais usam os seus sistemas digestivo e muscular para transformar a vegetação e a água em carne. Nós estamos indo à planta, dispensando o animal e fabricando carne directamente", explica Brown.

O actual CEO da Beyond Meat conta que sempre se questionou se não existiria um jeito melhor de produzir proteína para o consumo humano. Afinal, cerca de 80% das terras sob actividade agrícola são usadas para a produção de ração para o gado ou para a pastagem. Outras preocupações o atormentavam — a pecuária não é uma das maiores fontes de emissões dos gases do efeito estufa? Certas quantidades e tipos de proteína animal não são prejudiciais para nossa saúde?

"Essas quatro coisas continuavam voltando à minha cabeça: saúde humana, mudanças climáticas, recursos naturais e implicações para o bem-estar animal (provocadas) pelo uso de animais para (fazer) carne. E o que me



Ethan Brown

fascinava era que você podia enfrentar todas essas preocupações simultaneamente, apenas mudando a fonte de proteína para a carne, de animais para plantas", afirma Brown.

Para o especialista, é necessário mudar o foco — da origem da carne para a sua composição.

Brown defende a transição de áreas actualmente dedicadas à plantação de ração animal para safras de proteína que podem ser usadas directamente para o consumo humano, sob a forma de carne feita de vegetais. Com isso, acredita o empreendedor, é possível promover o crescimento económico sustentável em zonas rurais dos EUA e de outros países.

EM BUSCA DA MELHOR CARNE DO MUNDO

O professor de Bioquímica e membro da Academia Nacional de Medicina, Patrick O'Reilly, quer acabar com o uso de animais na produção de alimentos — uma prática que ele descreve como a "tecnologia mais destrutiva" do mundo. O problema, avalia o pesquisador, vai levar a humanidade a um "desastre ecológico". Segundo o especialista, actualmente 45% da superfície do planeta Terra é utilizada para pastagem ou para o cultivo de vegetais transformados em ração para a pecuária.

À procura de um substituto para a carne animal, a equipe de O'Reilly des-

cobriu um ingrediente mágico — o heme, uma molécula que tem ferro e é encontrada em todas as células de animais e plantas. Ela é a responsável pelos sabores e aromas da carne "tradicional". A equipa do pesquisador viu ainda que, adicionando um gene de vegetal a células de levedura, era possível produzir a substância em quantidades ilimitadas, com uma fracção minúscula do impacto ambiental.

As descobertas levaram à criação da Impossible Foods, que produz carne sem animais. A companhia fixou uma meta ambiciosa — promover a eliminação do uso de animais na fabricação de comida até 2035.

Humanidade produz 2 bilhões de toneladas de lixo por ano

Em mensagem para o Dia Mundial do Habitat, celebrado a 1 de Outubro, a chefe do Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), Maimunah Sharif, cobrou mudanças nos padrões de consumo para combater o excesso de lixo nas cidades. Neste ano, a data é lembrada com o tema "Gestão Municipal de Resíduos Sólidos". Por ano, são produzidas 2 bilhões de toneladas de resíduos no mundo.

De acordo com o organismo da ONU, 99% dos produtos que compramos são jogados fora dentro de seis meses. Para acomodar os 7,6 bilhões de moradores do mundo, suprir o uso de recursos e absorver o lixo gerado, seria necessário 70% de outro planeta Terra.

"O volume de lixo no mundo é enorme. Uma parte é reciclada, mas muito

(dele) é simplesmente descartado, causando problemas de saúde para as pessoas, seus animais e poluindo nosso meio ambiente. A quantidade de lixo produzido por indivíduos, comunidades, empresas, instituições, mercados e fábricas continua a crescer tremendamente", alertou Sharif.

"Todos podemos fazer pequenos ajustes em nossos estilos de consumo, usando alternativas para os itens plásticos descartáveis, como garrafas, copos, pratos e talheres, e fazendo um esforço consciente para reciclar correctamente e consertar produtos quebrados, em vez de simplesmente jogá-los fora."

De acordo com a directora-executiva do ONU-Habitat, a agência vai ampliar seu apoio às cidades, para que ór-

gãos municipais aprimorem suas práticas de gestão de resíduos. O objectivo da assistência será encontrar soluções de design baratas e criar sistemas eficientes, a fim de promover a colecta e o descarte adequados do lixo.

"Eu acredito que a gestão eficaz do

lixo começa com nós, como indivíduos. Por meio da acção colectiva, podemos alcançar um mundo que é mais limpo, mais verde, mais seguro, mais saudável e mais feliz, para nós vivermos, trabalharmos e nos divertirmos", completou a dirigente.



Urso polar



Morte de menina inglesa pode virar marco na luta contra poluição do ar

Ella Kissih-Debrah, uma menina de Londres que amava natação, futebol e ginástica, tinha apenas nove anos de idade quando morreu, em 2013. Na Inglaterra, a mãe da jovem luta pela abertura de um inquérito para provar que a poluição do ar foi a causa do falecimento. O relato é da ONU Meio Ambiente.

Ella Kissih-Debrah, uma menina de Londres que amava natação, futebol e ginástica, tinha apenas nove anos de idade quando morreu. Pelos primeiros seis anos de sua vida, a jovem inglesa era um exemplo de saúde, mas tudo mudou quando a garota contraiu uma grave infecção no peito em Outubro de 2010. Nos anos que se seguiram, Ella foi internada 27 vezes, com asma severa e também por conta de convulsões que a faziam parar de respirar. Em 15 de Fevereiro de 2013, uma dessas crises tirou sua vida.

Uma investigação no ano subsequente ao falecimento concluiu que a menina morreria de falha respiratória aguda e asma severa. Mas o legista do Tribunal de Southwark não considerou o facto de que Ella morava a apenas algumas dezenas de metros da Circular Sul de Londres. Esseanel viário é passagem para centenas de carros, ônibus e camiões que liberam poluentes todos os dias.

Agora, a mãe de Ella, Rosamund Kissi-Debrah, está batalhando pela abertura de um novo inquérito, que deverá indicar a poluição do ar como causa da certidão de óbito da menina. Se a investigação for bem-sucedida, será a primeira vez na Inglaterra em que a poluição do ar terá sido explicitamente associada à morte de um indivíduo em particular. A decisão poderá ter implicações de longo alcance.

Rosamund não está sozinha em sua luta por justiça. Ela traz debaixo do braço novas pesquisas do especialista em asma e professor universitário Stephen Holgate, além de receber o apoio de Jocelyn Cockburn, uma proeminente advogada da área de liberdades civis.

UM NOVO INQUÉRITO

Ao longo da curta vida de sua filha, Rosamund, como a maior parte dos moradores de cidades grandes, não tinha consciência dos perigos que o anel viário trazia. Durante os anos de tratamento de Ella, nenhum dos médicos que as atenderam levantaram a hipótese de que a poluição poderia ser um factor causal.

“Depois da morte de Ella, lembro de sentir que eu a tinha decepcionado”, conta Rosamund à equipe da ONU Meio Ambiente. “Eu estava determinada em descobrir como uma garota de nove anos com asma tinha morrido. Após o inquérito da Ella, eu ainda não estava nem perto de entender o que causara seus ataques de asma e por que eles não puderam ser controlados ou evitados.”

A inglesa criou a Fundação Família Ella Roberta, para descobrir mais sobre a asma infantil. Posteriormente, Rosamund se uniu a Cockburn e Holgate. O pesquisador analisou dados de estações de monitoramento da poluição, localizadas perto da casa dos Kissi-Debrahs. O especialista descobriu que o nível de poluentes frequentemente excedia os limites estipulados pela União Europeia. O mais surpreendente: os picos locais de poluição coincidiam com muitos ataques de asma da menina. O analista concluiu que a poluição do ar estava, sem dúvidas, associada à doença de Ella e, em última instância, à sua morte.

Em Junho de 2018, Cockburn apresentou as provas para a Procuradoria-Geral e solicitou um novo inquérito. Em 31 de Agosto, a advogada e Rosamund encaminharam à Justiça um abaixo-assinado com 100 mil assinaturas.

“O que estou tentando fazer é o que todo pai faria na minha situação, que é simplesmente chegar à verdade sobre a minha linda filha”, afirma a mãe de Ella. “Eu gostaria que o que contribuiu para sua morte fosse oficialmente reconhecido em sua certidão de óbito. Ella sofreu enormemente no último ano de sua vida e é apenas certo que isso seja registado.”

Segundo o porta-voz da Procuradoria-Geral, a solicitação de Rosamund está sob análise. O representante do Judiciário explica que o pedido deve ter chances razoáveis de ser bem-sucedido na Suprema Corte, onde o apelo por um novo inquérito também será avaliado.

Para Cockburn, a defesa de uma nova investigação tem uma fundamentação “esmagadora”.

“Não faz sentido que tanta informação esteja agora disponível sobre o impacto na saúde da poluição do ar e o vínculo com milhares de mortes no Reino Unido e, no entanto, ainda tenha havido nenhuma associação directa a uma morte individual”, afirma a advogada.

O ASSASSINO INVISÍVEL

A poluição atmosférica é chamada de “o assassino invisível” pelo fato de que, na maioria dos casos, as pessoas não percebem ou não vêem o que estão respirando.

“A névoa dos anos 1950 era devido à queima de carvão em lareiras e na indústria”, explica Holgate.

“Na sociedade de hoje em dia, o quadro é diferente. A poluição está invisível e é uma assassina silenciosa. Queimas de carvão não estão mais nos causando problemas. Agora, toxinas e partículas minúsculas estão sendo despejadas em nosso ar pelos carros,

caminhões e ônibus, e nós estamos respirando isso dia após dia.”

Em todo o mundo, nove em dez pessoas estão expostas a níveis de poluentes no ar que ultrapassam os níveis de segurança da Organização Mundial da Saúde (OMS). A contaminação causa mais de 4 milhões de mortes por ano. Em 2016, segundo a ONU, a inalação da menor forma de material particulado reduziu a expectativa média de vida no mundo em aproximadamente um ano.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), respirar a poluição particulada do ar pode causar danos ao tecido cerebral e prejudicar o desenvolvimento cognitivo das crianças. Outros estudos também apontaram que a contaminação da atmosfera poderia levar a níveis de inteligência inferiores, com o prejuízo estimado em um ano de educação perdido.

Pesquisas mostram ainda um risco mais alto para demência — quem vive mais próximo às grandes artérias do tráfego urbano teria até 12% mais chances de ser diagnosticado com o problema.

Mas as estatísticas são facilmente ignoradas. Apenas quando vemos um rosto humano ligado ao problema, é possível verdadeiramente começar a entender que a poluição do ar mata. Por isso, o caso de Ella é emblemático.

“Se eu soubesse dos níveis perigosos de poluição do ar e do impacto da má qualidade do ar na saúde da Ella, eu teria mudado nossa vida quotidiana para reduzir o impacto”, diz Rosamund.

FUTURO DE MUDANÇAS

A ONU Meio Ambiente e a OMS lideram, em parceria com a Coalizão do Clima e do Ar Limpo, a rede Breathe-

Life, um programa de iniciativas em prol da redução da poluição atmosférica. Atualmente, o projecto é implementado em 42 cidades espalhadas pelo mundo, beneficiando 94 milhões de pessoas. Londres é um dos municípios que assumiram compromissos com a estratégia da ONU.

O prefeito da capital inglesa, Sadiq Khan, enviou uma carta à Procuradoria-Geral para apoiar o pedido de abertura do novo inquérito.

“Como vocês sabem, estou compro-

metido em melhorar a qualidade do ar em Londres, alcançando os limites legais o mais rápido possível para então cumprir directrizes ainda mais rígidas da Organização Mundial da Saúde até 2030. Casos como o da Ella são uma parte importante do motivo pelo qual dei tanta importância a essa questão”, escreveu o dirigente.

Em Junho desse ano, Khan anunciou que as zonas com níveis “ultra-baixos” de emissões, já implementadas em Londres, serão ampliadas para incluir

as estradas das Circulares Sul e Norte. Segundo seu escritório, a área coberta será 18 vezes maior que o perímetro criado na Londres Central. A medida, junto com padrões de controle mais restritivos, deve afectar 100 mil carros, 35 mil vans e 3 mil caminhões.

De acordo com a Prefeitura, o projecto garantirá que, até 2021, mais de 100 mil londrinos deixem de viver em áreas onde a poluição do ar excede os limites. O número representa uma redução de 80% na quan-

tidade de moradores expostos a níveis preocupantes de poluentes.

Para Rosamund e todos que a apoiam, a luta por reconhecimento levará a verdade para o papel e poderá impulsionar políticas para combater a poluição atmosférica.

“Existe uma necessidade real de se entender qual o papel que a poluição do ar teve na morte da Ella, sobretudo para aprender lições e garantir que outras crianças não tenham o mesmo destino”, completa Cockburn.

A falácia da protecção



JOSÉ
RENATO
NALINI

O ser humano tem especial propensão à mentira. Mentite, despidoradamente, nas pequenas e nas grandes coisas. Uma das mentiras mais comuns é aquela de que está a cuidar de maneira adequada de um património que não é dele: estava aqui quando ele chegou; dele se serve de forma irresponsável; gera a probabilidade de não conseguir legá-lo para as ge-

rações do porvir. Estou falando da natureza, do ambiente, dos recursos naturais, tão espoliados e tão desprotegidos. E da mentira deslavada de que eles estão sob a égide de um ordenamento preordenado a preservá-los.

Pois as “áreas protegidas” ostentam auto-estradas, poços de petróleo, pastos e cidades. Zonas inteiras que formalmente estão sob a tutela do Governo e da sociedade, suportam pressão humana significativa. A ponto de se tornar insuportável.

É relatório da revista científica Science, a respeito de 6 milhões de quilómetros quadrados de terras protegidas. Nelas, a protecção de espécies em perigo reduz-se a cada minuto. Só 10% das áreas estão ainda sem actividade humana. Ainda,

porque o destrutivo homem lá chegará. E tais dez por cento estão em regiões inóspitas e remotas, como a Rússia e o gelado Canadá.

Pouco adianta criar por decreto áreas protegidas. Se o fetiche da lei fosse levado a sério no Brasil, este seria o mais civilizado dentre os Países. Há lei para tudo. E em abundância. Mas o cumprimento da lei é uma mentira. Chegamos a ponto de importar ararinhas azuis, aqui nativas, mas salvas por outros povos mais civilizados do que o brasileiro.

O privilégio da devastação não é nosso. Existe na África, na Europa e na África. E também nos Estados Unidos, agora dizimados por um tsunami anti-ecológico bem potente. O triste espectáculo é o de que 90% das áreas protegidas no mun-

do, como reservas e parques naturais estão submetidas a prejudiciais e criminosas actividades humanas.

A ecologia, assim como a educação em geral, chave para a transformação efectiva da sociedade, aparece no discurso de algum presidenciável? Talvez de passagem. Mas não é algo que impregne o imediatismo da política partidária, mais ligada ao presente e pensando em si mesma, em dinheiro, poder e glória, do que num amanhã no qual os seus representantes aqui não mais estarão. Mas continuarão responsáveis pelos desmandos e pela crueldade que hoje sustentam com as suas vãs, imediatistas e tolas pretensões.

José Renato Nalini é desembargador, reitor da Uniregistrat, escritor, palestrante e conferencista. (PAZ - Blogue luso-brasileiro, Sábado, 13 de Outubro de 2018, <https://sol-paz.blogs.sapo.pt/>)

Névoa de poluição sobre Londres, capital da Inglaterra



MASALA, O LEOPARDO

21

Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI



CURSO DE BANDA DESENHADA
INSCRIÇÕES ABERTAS
NA CASA DAS ARTES



HORÁRIO DA SECRETARIA
Das 10h às 18h, de segunda a sábado
Morada Talatona Via 5



contacto
(+244) 996660065
casadasartesluanda
info@casadasartesluanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica
Sistema Comics

